



A CONSTRUÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E SUA RELAÇÃO COM OS MUSEUS: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA

William Cléber Domingues Silva
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ
williamwcds@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo objetiva possibilitar uma discussão introdutória sobre a relação existente entre os museus brasileiros e a construção do nosso patrimônio cultural. Para isso realizou-se uma pesquisa documental com o intuito de melhor conhecer o desenvolvimento histórico e as características de diferentes espaços museais existente no país. Após esta análise pode-se concluir que juntamente com o SPHAN os museus brasileiros contribuem com a construção do nosso patrimônio cultural e com o fortalecimento de nossa identidade cultural, uma vez que os mesmos atuam na construção, conservação, manutenção, divulgação e exposição de nossa diversidade cultural.

Palavras-chave: Patrimônio, Cultura. Museus.

Abstract

The purpose of this article is to enable an introductory discussion over the relationship between the Brazilian museums and the development of our cultural heritage. To make that possible we did a documental research in order to better understand the historical development and characteristics of the different museum spaces throughout the country. After analyzing this scenario we drew the following conclusion: together with the SPHAN – Brazilian Office of Historic and Artistic Heritage, the Brazilian museums contribute to the development of our cultural heritage and the strengthening our cultural identity, since they work on the development, maintenance, dissemination and display of our cultural diversity.

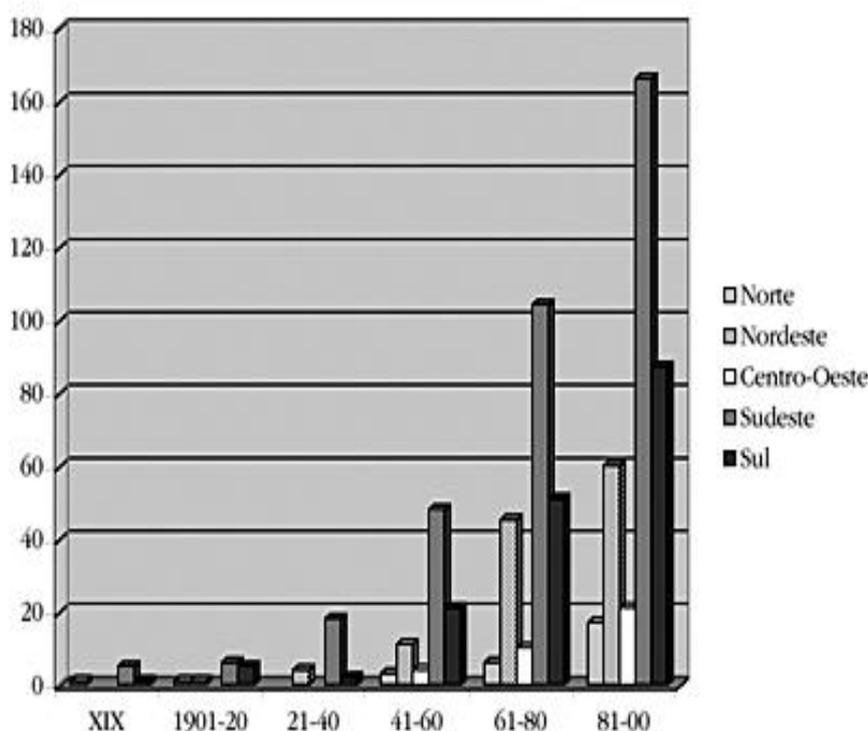
Keywords: Cultural heritage. Culture. Museums.

Introdução

Breve histórico dos museus brasileiros

A análise dos dados fornecidos em 1997, pela Comissão do Patrimônio Cultural (DOS SANTOS, 1997) permite constatar que, no Brasil, o surgimento de espaços museais ocorre a partir do século XIX. Contudo, percebe-se que o aumento do número de museus e uma melhor dispersão desses estabelecimentos, por diferentes regiões do país, ocorreram no século XX, mais especificamente a partir da segunda metade, conforme demonstrado pela Figura 1.

Figura 1
Museus por Ano de Fundação e Região



Fonte: Dados obtidos em Comissão do Patrimônio Cultural (1997).

Figura 1 – Dispersão dos museus nacionais, por ano de fundação e região, desde o século XIX, até o final do século XX.

Analisando-se a Figura 1, é possível pensar que existem regiões do país que necessitam de novos museus. Historicamente, observa-se que as regiões sul e sudeste apresentam um maior número desse tipo de equipamento cultural. Sabendo-se da importância histórica, artística e cultural das demais regiões do país, sugere-se que novos empreendimentos museológicos encorajados nessas áreas que podem beneficiar suas comunidades com a preservação, manutenção e democratização do patrimônio.

Acredita-se ainda que o incremento de recursos culturais voltados ao público de massa pode favorecer a exploração da atividade turística nas diferentes regiões do país e isso é importante no que se refere às trocas culturais e também à própria geração de trabalho, emprego e renda nessas localidades.

A questão patrimonial no Brasil é importante de ser analisada, uma vez que o país possui um rico e diversificado patrimônio histórico, artístico e cultural, espalhado por quase todo território nacional. A descoberta do Brasil, em 1500, e os diferentes ciclos econômicos ocorridos nessa terra, como o ciclo do pau-brasil, do ouro, da cana-de-açúcar e do café, possibilitaram à nação acumular um variado patrimônio.

Esses conjuntos de bens, materiais e não-materiais, hoje, possuem grande reconhecimento por parte das pessoas que se identificam com produtos culturais. Nesses termos, a bibliografia mostra que a preocupação com a preservação do patrimônio no país não é muito recente. Inicia-se na primeira metade do século XVIII, com a recomendação do vice-rei D. Luiz de Vasconcelos Souza (Conde de Figueiró) de preservar as edificações palacianas construídas pelos holandeses no país. Mesmo assim, após a expulsão destes, pouco desse patrimônio restou. (SANTOS, 2000).

No início do século XIX, a corte portuguesa desembarcou no Brasil (1808). Com isso, o país observou algum progresso em diferentes áreas, mas não na área patrimonial que, por diferentes motivos, não recebeu a devida atenção do poder público durante boa parte do século XIX até meados do século XX. (DA SILVA, 2004). Possivelmente, tal descaso provocou a perda de importantes características históricas e culturais do povo nativo.

Neste sentido, DA SILVA (2004, p. 33) afirma que “a criação de bens nacionais vai ocorrer muito após a chegada de Dom João VI ao país em 1808, mas seu aportar em terras tupiniquins será fundamental para fazer nascer o interesse por uma identidade nacional”.

Em razão de suas características naturais e da grande diversidade da flora e fauna, o Brasil, mesmo antes de possuir e realizar exposições, já era representado no exterior. Isso ocorreu porque, durante anos, muitos pesquisadores estrangeiros que vieram ao país levaram inúmeros e diversificados produtos nacionais que pudessem ser exibidos em seus museus.

Em 1818, foi criado o Museu Nacional que, inicialmente, funcionava no prédio hoje ocupado pelo arquivo nacional. Esse museu vinculado à UFRJ é um dos mais visitados do país pelo fato de ainda possuir um acervo eclético e também por expor aos interessados as múmias egípcias originárias da coleção de D Pedro II. Ressalta-se, também, que o Museu Nacional ainda é referência em termos de pesquisas relacionadas à zoologia, arqueologia e etnologia. (VASCONCELLOS 2006).

Dom João VI, com o intuito de estimular o desenvolvimento dos estudos de botânica e zoologia no país, oferece ao museu peças de arte, coleções de quadros, artefatos indígenas, objetos de mineralogia, animais empalhados e produtos naturais. Sendo assim, esse espaço passa a cumprir efetivamente seu papel social somente mais adiante, através de sua melhor organização e administração, observadas principalmente a partir da segunda metade do século XIX.

O Museu Nacional, considerado o primeiro museu de história natural do país, inspirou-se na universalidade do conhecimento, também presente entre os grandes museus de história natural que se consolidavam na Europa. VASCONCELLOS (2006) afirma que, atualmente, esse museu que é ligado à Universidade Federal do Rio de Janeiro e possui um acervo muito eclético, o que o torna um dos museus mais procurados e visitados no Brasil.

Acrescentando, LOPES (2001) afirma que

o Museu Nacional do Rio de Janeiro funcionou desde sua fundação em 1818, até praticamente o final do século XIX, como um órgão consultor governamental para os assuntos de geologia, mineração e recursos naturais do Império, decorrendo daí a importância do seu laboratório de análises químicas.

Nas primeiras décadas de sua existência, o Museu Nacional recebeu, sobretudo, coleções mineralógicas, zoológicas e botânicas. Contudo, em 1876, o museu alcançou um importante avanço e passou a servir melhor a sociedade brasileira, oferecendo à mesma a revista *Archivos do Museu Nacional*. Naquele momento, também foram incentivados cursos e

pesquisas relacionadas a essa temática, que ainda eram incipientes no Brasil. (SCHWARCZ, 1988, p. 18).

Tais iniciativas repercutiram bem na área museológica. E por isso deu maior visibilidade ao museu brasileiro. Em seus estudos, Estanislao Zeballos, em 1877, teceu o seguinte comentário a respeito do Museu Nacional:

Buenos Aires y Rio de Janeiro, son de las capitales sud-americanas, las que más llaman la atención por sus establecimientos consagrados á las colecciones y estudios científicos. Así, el Museo Público de Buenos Aires, el templo más famoso de los erigidos á la Paleontológica, ciencia de este siglo, y el de Rio de Janeiro comienza á atraerse las miradas del mundo científico, por sus tesoros de Historia Natural. (ZEBALLOS, 1877)

Ainda, durante o século XIX, surgiram outros dois museus de história natural no Brasil, o *Museu Paulista* (1895) e o *Museu Goeldi* (1866), localizado em Belém do Pará.

Estudos demonstram que esses espaços inicialmente dedicavam-se mais à pesquisa do que à visitação pública. Acrescenta-se, ainda, que inicialmente o Museu Goeldi (1866) e o Museu Paulista (1895) desenvolviam diversas pesquisas voltadas às ciências naturais. Tais pesquisas, apesar de importantes, fizeram com que o público não fosse privilegiado no que se refere à sua inserção nesses espaços, bem como a sua utilização, o que possivelmente dificultou a formação de uma clientela fiel de visitantes nesses locais.

Complementando o exposto, SANTOS (1997) explica:

No final do século XIX, o Brasil tinha aproximadamente dez museus, e, com exceção do Museu Naval e Oceanográfico (1868) e do Museu da Academia Nacional de Medicina (1898), todos os demais tinham alguma relação com as práticas classificatórias dos elementos encontrados na natureza.

Aprofundando, a mesma autora ainda afirma que:

A distribuição desigual e hierárquica de renda e educação no país também é um fator importante a ser contemplado para compreendermos o porquê de os museus permanecerem voltados para um público mais seletivo de interessados. No Brasil, diferentemente de outros países, a função principal do museu dificilmente poderia ser associada à imposição de práticas disciplinares sobre amplos setores da população, pois o caráter de grande escala das visitas não parece ter sido uma característica a ser destacada nos museus.

Vários museus surgiram no Brasil na segunda metade do século XIX. Em 1864, o Rio de Janeiro ganha o Museu do Exército; já em 1868 na mesma cidade é criado o Museu da Marinha.

Observa-se que ambos os espaços objetivavam exaltar o poderio bélico e militar do império, pois a inauguração desses estabelecimentos ocorreu após a guerra do Paraguai e a guerra dos Farrapos, no sul do país. (DA SILVA, 2004).

Atualmente, constitui importante referência do acervo marajoara, o Museu Emílio Goeldi, que foi aberto ao público em 1871 no estado do Pará, mais precisamente na cidade de Belém. Este museu, hoje, possui um dos mais importantes acervos do país, com seu diferencial turístico “incluindo a cultura da fauna, da flora e da diversidade cultural indígena da Amazônia”. (VASCONCELLOS, 2006, p. 63).

A implantação de um museu na região norte se justificava pelo fato de terem ocorrido várias expedições científicas durante todo o século XIX nessa região, principalmente na Amazônia.

Durante os últimos anos do império, o referido museu sofreu com o descaso e a falta de verbas. Anos depois, com o novo ciclo econômico propiciado pelo comércio de borracha, o mesmo foi reinaugurado (1891), o que possibilitou a manutenção e conservação de seu acervo.

SCHWARCZ (1988, p. 40) comenta que “o principal objetivo do recém fundado museu seria o estudo da natureza amazônica, a sua flora e fauna, constituição geológica, rochas, minerais, a geografia da imensa região, bem como assuntos correlatos com a história do Pará e Amazônia.” Em 26 de julho de 1894, através da lei de número 200 e decreto número 249, foi inaugurado oficialmente o Museu Paulista. Esse estabelecimento representou a ascensão política e econômica de São Paulo no cenário nacional.

A partir de 1895, o Museu Paulista começou a implementar um projeto de museu enciclopédico. Com isso, o espaço passou a priorizar, na montagem de seu acervo, diferente exemplar de todo o conhecimento humano. Tal iniciativa deu ao estabelecimento um caráter mais científico, o que o colocou em sintonia com outras instituições museais instaladas em outros países. Acredita-se que esse fato tenha sido importante, pois se observa que, em seus primeiros anos de funcionamento, o Museu Paulista disponibilizava ao público apenas curiosidades gerais e objetos exóticos. (SCHWARCZ, 1988, p. 30).

No ano de 1922, Gustavo Barroso criou o Museu Histórico Nacional e com isso inovou na questão museal brasileira, inaugurando uma nova era dos museus no país. Implementado sob uma nova concepção, este museu, desde o início, preocupou-se em estudar e representar a história da nação, não privilegiando, a partir de então, os acervos constituídos por elementos da natureza.

Os Museus em Minas Gerais

Os dados repassados pelo Cadastro Nacional de Museus no ano de 2006 demonstram que atualmente o país possui 2.208 museus sendo que 272 destes estão situados em Minas Gerais. A maior parte dos museus brasileiros localiza-se no sudeste do país, (854), contudo a região sul (698) e nordeste (423) também se destacam no que se refere ao número de museus e dos tipos de acervos. Por outro lado, nota-se que as regiões norte (77) e centro-oeste (156) do Brasil possuem um número menor desse tipo de atrativo que deve ser disponibilizado a todo tipo de público.

Devido a isso se acredita ser necessário para uma melhor qualidade de vida da população local e também para o incremento do turismo nessas áreas a expansão do número de instituições museais nessas regiões que apresentam diferenciais a serem preservados e explorados pela atividade turística. A Figura 2 apresenta os museus mapeados nas regiões sul e sudeste do país. Essas áreas concentram o maior número de museus em todo território nacional. Através da figura, pode-se constatar que Minas Gerais ocupa a terceira posição em número de espaços museais voltados ao atendimento do público em geral.

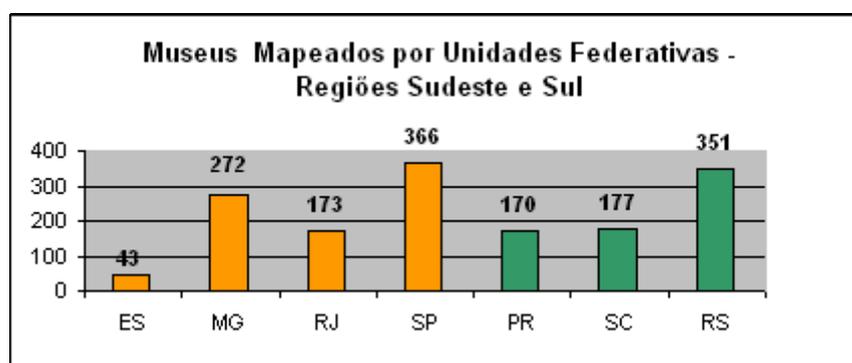


Figura 2 – Museus Mapeados por unidades federativas – Regiões Sudeste e Sul.
Fonte: Cadastro Nacional de Museus – 2006.

Em nosso Estado, existem museus que atendem a vários tipos de interesses, pois possuímos diferentes tipos de acervos. Quanto às características dos prédios onde os mesmos funcionam não existe regra ou estilo pré-definido, pois cada museu possui um tipo de acervo e uma necessidade específica. Além disso, esses espaços muitas vezes não foram inicialmente construídos para serem museus como é o caso, por exemplo, do Museu Mariano Procópio, situado na cidade mineira de Juiz de Fora e que foi uma construção erguida para hospedar a família imperial em uma de suas visitas à Zona da Mata mineira.

Por outro lado alguns autores como DICKENSON (1994), afirmam que muitos museus mineiros estão passando por dificuldades e parecem estar empobrecidos, pois em muitos casos as construções estão precárias, as exposições “fora de época” produzindo pouca informação contextual. Além disso, o mesmo autor ainda complementa dizendo que poucos museus mineiros oferecem detalhes sobre a natureza, origem e objetivo de suas coleções.

Tais afirmações nos levam a acreditar ainda mais que o turismo pode ser uma alternativa de incremento de receitas para os museus e centros culturais localizados no estado. A exploração turística desses espaços, a nosso ver, poderá contribuir com a manutenção e preservação de nossos acervos e coleções o que é importante para a atratividade turística do patrimônio.

Apesar de existirem muitos museus em situações precárias no estado de Minas Gerais sabe-se também que por aqui existem museus que servem de centros de cultura, lazer e aprendizagem para muitos. Como exemplos de espaços museais dinâmicos e interativos em nosso estado, podemos destacar o Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte, o Museu de Ciências Naturais da PUC-MINAS que conta com recursos didáticos favoráveis ao aprendizado dos visitantes como recursos multimídia e monitores de diferentes áreas do conhecimento humano. Além disso Minas Gerais abriga também outros acervos com grande potencial turístico a ser explorado como o Museu Abílio Barreto, o Museu da Pampulha e o Museu da Inconfidência que é um dos mais visitados do país.

Complementando, ressalta-se que recentemente, a capital do estado – Belo Horizonte presenteou todos os mineiros com mais um belo museu aberto ao público. O Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte já se configura como um dos principais atrativos turísticos e culturais da cidade.

Tal espaço cultural e educativo localizado na estação central do metrô têm como proposta principal lembrar os moradores da cidade e os turistas em geral gestos cotidianos da produção humana. Além disso, esse museu se propõe também a discutir os modos de produção existentes no passado, a organização do processo produtivo e a utilização de diferentes tecnologias na produção de artefatos.

Em pleno funcionamento, esse espaço localizado na estação central do metrô de Belo Horizonte tem uma grande capacidade de atração do público uma vez que no entorno do mesmo passam diariamente 1 milhão de pessoas. Devido a isso se ressalta a importância de ações que efetivamente possam contribuir com a atratividade do espaço e com a utilização do mesmo pelo maior número de pessoas possível.

Para que tal fato ocorra sugere-se divulgação dentro e fora do metrô sobre os eventos realizados no museu, diferentes políticas de acesso para estudantes, idosos, trabalhadores, moradores e turistas e ainda dinamismo no atendimento e nos serviços turísticos prestados aos usuários.

Aprofundando a questão sobre os museus em nosso estado, SANTOS (2004) explica que os museus de arte sacra destacam-se entre os museus mineiros, isso pode ser explicado pela ação exercida pelo SPHAN, que se preocupou em preservar os monumentos relacionados ao período colonial e à arte barroca tão presente por aqui.

A mesma autora ainda destaca que o papel preservacionista exercido pelos modernistas contribuiu com a expansão do número de museus em Minas, além disso, nota-se também a descentralização desse tipo de instituição no estado, pois a autonomia dada aos municípios pela constituição de 1988 favoreceu a implantação de museus em diversos municípios como é o caso de cidades como de Lagoa Santa, Pouso Alegre, Bom Jesus, Divinópolis, Machado, Mirai etc.

Ao analisar a questão museal em Minas percebe-se que por aqui se encontram grandes riquezas que hoje são muito reconhecidas pelo nosso povo e também por pessoas interessadas em conhecer nossa identidade cultural.

Mesmo assim como ainda ocorre em outras regiões do país muitas vezes o descaso dos agentes públicos e a falta de consciência de muitos sobre a importância de nosso patrimônio faz com que vários dos 272 museus cadastrados em Minas estejam em busca de alternativas para adequação, manutenção e preservação de seus acervos. Devido a isso, o turismo se apresenta como uma das possibilidades a serem consideradas, pois através da exploração

planejada dessa atividade, os espaços museais podem alcançar maior visibilidade e consequentemente maiores receitas que devem ser reinvestidas em prol de melhorias que irão favorecer o público em geral.

Os museus e o Processo de Construção do Patrimônio Cultural

Em 1933, através do Decreto n 22.928, a cidade de Ouro Preto-MG passou a ser considerada monumento nacional. Em 1937, o governo instituiu através de Mário de Andrade o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – (SPHAN). Esse órgão, a partir de então, tornou-se responsável por cuidar do patrimônio histórico e artístico do Brasil (SANTOS 2000).

A criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - (SPHAN) trouxe à tona novas reflexões sobre o conceito e o papel dos museus para com a sociedade. Influenciados pelos modernistas da época, o órgão possibilitou também um maior debate sobre a importância da implantação de políticas públicas voltadas à preservação do passado nacional como nação.

Com o apoio do SPHAN, surgem por várias partes do país novos museus. Dentre eles, destaca-se o Museu Nacional de Belas Artes, inaugurado no Rio de Janeiro em 1937, o Museu Imperial de Petrópolis (1943) e o Museu da Inconfidência em Ouro Preto – 1946, dentre outros. Complementando, DA SILVA, (2004, p. 51) ressalta:

Com a criação do SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – em 1937 há uma dinamização no surgimento de novos museus. Em especial os Museus Históricos e Artísticos, que vem ao encontro de políticas sociais do período, não só no Brasil como no mundo, de exaltação do nacionalismo e geração de identidades sociais.

Até essa época, observou-se que tais espaços só se preocupavam em expor seus objetos, o que não incentivava melhor interpretação por parte dos visitantes. Neste sentido, DA SILVA (2004, p. 53) esclarece que “os museus, até então, tinham por função apenas mostrar o objeto; não havia uma preocupação com a reflexão sobre o que estava sendo exposto, embora na época já existissem exposições que incentivassem uma leitura mais crítica.”

Percebendo isso, Mário de Andrade questiona o papel exercido pelos museus no Brasil, sugerindo alterações. Em consequência, a partir dos anos 50, novos procedimentos museológicos foram colocados em prática. Com a nova concepção ocorreu uma reviravolta

nos espaços museais brasileiros, que passaram, então, a valorizar mais o tema do que somente o objeto. DA SILVA, (2004, p. 53), explica, apesar das dificuldades, a nova abordagem dada a museologia na atualidade pois “trata-se de pensar os museus como espaços de socialização e democratização da cultura nacional, embora ainda convivam, em sua grande maioria, com enormes dificuldades financeiras, que afetam diretamente seu acervo e sua relação com o público visitante.” A expansão dos museus pelo país se acentuou durante a década de 50. No estado de Minas Gerais, a Lei n 2.200, de 12 de abril de 1954, instituiu em Diamantina-MG o Museu do Diamante e a Biblioteca Antônio Torres. Em Joinville-SC, no mesmo ano, foi criado o Museu Nacional da Imigração e Colonização, através da Lei n. 3.188, de 02 de julho de 1954. Já em Pernambuco foi inaugurado, em 1957, através da Lei n 3.357 do dia 12 de dezembro, o Museu da Abolição situado em Recife (SANTOS, 2000).

Durante as décadas de 50 e 60, a maioria dos museus enfatizava a conservação e proteção das coleções, bem como demonstravam aos interessados o papel educacional dos museus. O período de maior expansão do número de museus no Brasil ocorreu nos anos 80 do último século. Durante os anos 90, percebeu-se uma queda da abertura dessas instituições.

Um ponto negativo a ser levantado é que no país ainda se observa que a maioria dos museus necessita de aperfeiçoamento. Em muitos casos, os espaços mal preservados e, ou mal divulgados recursos humanos despreparados, insegurança, faltam verbas, dentre outros problemas que certamente não agradam aos turistas. Para que ocorra uma efetiva exploração turística desses espaços museais, acredita-se ser necessário haver uma reviravolta nesta questão, no Brasil, pois FUNARI-PINSKY (2003, p. 28), colocam que:

De fato, a situação é complexa. Nossos museus possuem acervos preciosos, mas em muitos casos subaproveitados, uma vez que grande número de instituições atua à margem dos princípios museológicos. Por outro lado, a ausência de incentivo e de divulgação mais agressiva cria um círculo vicioso, que afasta o turista dos museus e ao mesmo tempo impede que o museu se reestruture para atingir um público mais amplo.

Fora do Brasil, essa questão, em muitos casos, está mais bem resolvida, pois em vários países o patrimônio cultural já funciona como atrativo turístico, existindo, dessa forma, por parte do mercado, investimentos na área, o que possibilita a melhoria do produto ofertado ao concorrido mercado turístico. Vale ressaltar que, inclusive, em muitos países em desenvolvimento, por exemplo, na África, o Museu Nacional do Niger é considerado modelo. Desde sua fundação vem atuando no reforço da identidade cultural daquele povo.

Aqui a urgência de novas ações que contribuam com melhor exploração de nossos museus torna-se evidente. Sabe-se que até o mais importante acervo da América Latina, abrigado no Museu de Arte de São Paulo - MASP, fundado em (1947), a partir de esforços e doações conseguidos por Assis Chateaubriand e Pietro Maria Bardi, vêm passando por sérios problemas, muitos deles possivelmente de gestão.

Este museu passa atualmente por incríveis dificuldades financeiras, que chegaram a deixar o museu às escuras, por causa de um corte de luz feito por uma companhia energética, como indica o texto seguinte:

Apesar de ter pagado os últimos onze meses em dia, o MASP quebrou dois acordos de renegociação de débitos antigos, razão pela qual o corte foi feito. Não bastasse isso, o museu já foi flagrado utilizando uma ligação irregular de eletricidade. “O gato” teria resultado em mais de 400.000 reais de prejuízo para a Eletropaulo. (Revista Veja, 2006).

O grande problema nesse episódio é a constatação de que, apesar do interesse crescente da população por produtos e serviços públicos culturais, o país e seus recursos culturais ainda passam por situações, que espaços similares em outros países já não sofrem mais.

Este fato nos induz a acreditar que existe um grande potencial de crescimento desse segmento no país; contudo, atualmente, há a necessidade de muita coisa ser feita, conforme demonstra a reportagem da *Revista Veja* a respeito do MASP, como segue:

Quanto à riqueza destacam-se as seguintes: Em seu acervo há 7.517 obras de artistas como Ticiano, El Greco, Van Gogh e Degas, atualmente objeto de uma mostra, sendo o valor estimado da coleção de 1,2 bilhão de dólares. O prédio criado pela arquiteta Lina Bo Bardi é um ícone modernista e um cartão-postal de São Paulo. Quanto aos problemas os destaques são: As contas de luz atrasadas somam quase 3,5 milhões de reais e levaram ao corte de fornecimento, em maio de 2006; uma ação judicial movida pelo Instituto Nacional de Seguridade Social – INSS contra o MASP, exigindo o pagamento de 3 milhões de reais, dificulta a obtenção de recursos das leis de incentivo à cultura. Um quadro de 4 milhões de reais foi cedido em juízo como garantia de dívidas. Em 2005, o museu deixou de receber mais da metade da verba de 1,6 milhão de reais destinada a ele pela prefeitura paulistana, por não ter apresentado o plano de gastos exigido. O número de visitantes caiu nos últimos anos. O MASP investe em exposições de grande visibilidade, que atraem um público ocasional, mas abandonou o objetivo de formar uma frequência fiel. Além disso, há várias outras situações que denotam aparente descaso com as instituições museais e com o patrimônio brasileiro,

embora nos últimos anos, tenha havido investimentos do Ministério do Turismo e esforços da Política Nacional de Museus, melhorando alguns espaços com reformas e ou melhorias.

Atualmente, a Política Nacional de Museus tem adotado importantes medidas para reforçar o interesse do público pelos museus públicos e privados. Esse tipo de ação deve beneficiar tanto moradores locais quanto turistas que apreciam mostras, exposições, visitas guiadas e outras possibilidades de aprendizagem existentes nos espaços museais.

A presença de museus em todas as regiões do país (Figura 3), em boa parte, pode ser atribuída ao trabalho exercido pelo SPHAN, visando à preservação da cultura e da identidade nacional.



Figura 3 – Número de museus por região.

Fonte: Sistema Brasileiro de Museus. Disponível em www.museus.gov.br (2006).

Tais dados encontrados na literatura realçam que são muitos os museus a serem visitados. Mesmo assim, a dinâmica desses espaços inclui também desafios relacionados às formas de exposição e interação dos visitantes, às possibilidades de aumento de receitas, à segurança do acervo, à atratividade dos estabelecimentos, a fidelização de demanda, dentre outros.

Considerações finais

Atualmente, a globalização vem favorecendo muitos investimentos no segmento turístico, possibilitando melhorias na oferta técnica de acesso a muitas localidades, proporcionando melhores condições de captar maior fluxo de visitantes.

Nessa conjuntura, entende-se que o aprofundamento dos estudos relacionando turismo e patrimônio cultural é de fundamental importância para a evolução sustentada do turismo e

também para melhor exploração desses espaços públicos, também de interesse público, a exemplo dos museus, dos centros históricos, das pinacotecas, dentre outros.

Os museus constituem importantes fontes de cultura e fazem parte da oferta turística de um município, além de sob cuja ótica representarem atrativos culturais. Os atrativos culturais devem ser conservados e democratizados, pois, através deles, a comunidade, os visitantes e os turistas vivenciam momentos de enriquecimento cultural, o que é importante para a qualidade de vida das pessoas.

O turismo cultural vem ganhando adeptos a cada dia, o que demonstra que a diversificação de produtos e serviços culturais exigirá recursos humanos especializados e investimentos na gestão profissional desses espaços.

No Brasil, existe grande potencial de desenvolvimento do turismo cultural, constituído de acervos diversificados, muitos deles consagrados. Contudo, ainda se observa necessidade de maior integração entre os agentes públicos, privados e acadêmicos em prol da divulgação e de cuidados inerentes a tais espaços, pois, a atenção e o apoio dados ao segmento, muitas vezes, estão aquém do necessário.

Sendo assim, após fazermos uma análise introdutória sobre a relação existente entre patrimônio cultural e museus podemos tecer algumas conclusões. Inicialmente é importante ressaltar que a questão patrimonial no Brasil passou por grande descaso durante muitos e muitos anos e que somente a partir de 1937 com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – (SPHAN) é que passamos a ter políticas de valorização e a incentivar o acesso do público em geral às diferentes formas de patrimônio.

Além disso, torna-se relevante considerar que os diferentes ciclos pelos quais o país passou, como por exemplo, os ciclos do pau brasil, do ouro, da cana de açúcar, da borracha e do café muito contribuíram para o surgimento de nosso patrimônio histórico, artístico e cultural. Neste sentido observa-se que os museus se configuram atualmente em espaços adequados à adequação, conservação, manutenção, divulgação e exposição do legado deixado por tais ciclos, neste contexto observa-se que os mesmos podem ser reconhecidos como espaços culturais de interesse de moradores locais, visitantes, acadêmicos e turistas.

Finalizando conclui-se que apesar de estarem representados em todas as regiões do país, ainda percebemos a possibilidade de expansão dos museus no Brasil, tal iniciativa deve ser incentivada com o intuito de melhorar a qualidade de vida de nosso povo, de garantir a

preservação de nosso patrimônio cultural e de ainda desenvolver atrativos turísticos em diferentes cidade e regiões do país.

Referências

COMISSÃO do Patrimônio Cultural. *Guia de museus brasileiros*. São Paulo, Divisão de Artes Gráficas, CCS, USP. 1997.

DA SILVA Tathianni Cristini. *O Patrimônio Cultural do Centro Histórico de Florianópolis: Um estudo do papel dos museus históricos de Santa Catarina e Victor Meirelles na preservação da cultura*. Dissertação de Mestrado - Santa Catarina: UFSC. 2004.

DICKENSON, J. P. (1994), "Nostalgia for a Gilded Past? Museums in Minas Gerais, Brazil", in E. S. Kaplan (ed.), *Museums and the making of "ourselves": the role of objects in national identity*. Londres/Nova York, Leicester University Press.1994.

DOS SANTOS M. S. *Os museus brasileiros e política cultural - Comissão do Patrimônio Cultural – Universidade do Estado de São Paulo (CPC/USP) – 1997*.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime, Organizadores. 3 ed. *Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Contexto. 2003.

LOPES, Maria Margaret. *A mesma fé e o mesmo empenho em suas missões científicas e civilizadoras: os museus brasileiros e argentinos do século XIX*. Rev. bras. Hist. 2001, v. 21, n.41, p.55-76. ISSN 0102-0188.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Museus brasileiros e política cultural*. Rev. Bras. Ci. Soc., jun. 2004, v. 19, n. 55, p.53-72. ISSN 0102-6909.

SCHWARCZ, Lilia K. M. *A Era dos Museus no Brasil*. IDESP/USP, Série História das Ciências Sociais, n 6. 1988.

VASCONCELLOS, C. de M. *Turismo e Museus*. São Paulo: Aleph, 2006. Coleção ABC do Turismo.

ZEBALLOS, E. *El Museo Nacional de Rio de Janeiro*. Anales de la Sociedad Científica Argentina, tomo III, 1877: 269-275. Cf. p. 269.

Recebido em 10.01.2010. Aprovado em 08.02.2010.